

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
DIRECÇÃO-GERAL DE INOVAÇÃO E DE DESENVOLVIMENTO CURRICULAR

ENSINO RECORRENTE DE NÍVEL SECUNDÁRIO

PROGRAMA DE FILOSOFIA

10º ANO

CURSOS CIENTÍFICO-HUMANÍSTICOS
CURSOS TECNOLÓGICOS
CURSOS ARTÍSTICOS ESPECIALIZADOS

Autores:

Fernanda Henriques
Joaquim Neves Vicente
Maria do Rosário Barros
Maria Manuela Bastos de Almeida (Coordenadora)

Setembro de 2004

ESTRUTURA DO PROGRAMA

1ª PARTE - Introdução

Natureza da disciplina de Filosofia e sua integração no currículo

- Da Filosofia no Ensino Secundário
- Do presente Programa de Filosofia

2ª PARTE - Apresentação do Programa

1. Finalidades

2. Objectivos Gerais

- No domínio cognitivo
- No domínio das atitudes e dos valores
- No domínio das competências, métodos e instrumentos

3. Visão Geral dos Conteúdos/Temas [dos Módulos]

- Conteúdos/Temas dos Módulos 1, 2 e 3*
- Quadro dos conceitos operatórios

4. Metodologia: princípios, sugestões e recursos

- Princípios metodológicos
- Sugestões metodológicas gerais

5. Avaliação

- Princípios reguladores da avaliação
- Fontes privilegiadas da avaliação
- Critérios de referência para a avaliação sumativa

3ª PARTE – Desenvolvimento do Programa: Módulos 1, 2 e 3

4ª PARTE – Bibliografia Geral

* Só se apresentam os três primeiros módulos do Programa, correspondentes ao 10º ano. Os módulos 4, 5 e 6, correspondentes ao 11º ano, serão apresentados em Abril de 2005.

Viver juntos

«Para que pode servir a filosofia contemporânea? Para viver juntos da melhor maneira: no debate racional, sem o qual não existe democracia, na amizade, sem a qual não existe felicidade, finalmente na aceitação, sem a qual não existe serenidade. Como escreveu Marcel Conche a propósito de Epicuro, "trata-se de conquistar a paz (*pax, ataraxia*) e a *philia*, ou seja a amizade consigo próprio e a amizade com o outro." Eu acrescentaria: e com a Cidade, o que é política, e com o mundo - que contém o eu, o outro, a Cidade... -, o que é sabedoria.

Dir-se-á que isso não é novo... A filosofia nunca o é. A sabedoria é-o sempre.»

André Comte-Sponville *

* in COMTE-SPONVILLE, A. e FERRY, L. (2000). *A Sabedoria dos Modernos. Dez Questões para o Nosso Tempo*. (pp. 456-457). Lisboa: Instituto Piaget.

1ª PARTE - Introdução

Natureza da disciplina de Filosofia e sua integração no currículo

- **Da Filosofia no Ensino Secundário**

O *Relatório Delors*¹, ao apresentar o que designava como **pilares da educação**, para além dos três princípios já clássicos - aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser - enunciava um quarto princípio, de valor fulcral para a manutenção do desenvolvimento da vida humana, a saber: **aprender a viver juntos**. Para a Comissão responsável pelo referido *Relatório*, este novo pilar educativo corresponde ao reconhecimento da necessidade de investir a tarefa educativa de um trabalho realizado no horizonte da compreensão da interdependência mútua da humanidade e da identificação do valor próprio de cada estrutura comunitária e cultural. Assim, saber o valor das diferenças e do seu contributo específico para o nosso património comum é visto como o imperativo educativo que sustentará o nosso futuro possível.

Nesse quadro, o mesmo *Relatório Delors* reconhece a importância da disciplina de Filosofia - em conjunto com a História - na configuração deste novo imperativo educativo que o **aprender a viver juntos** consubstancia; ambas as disciplinas poderão assumir um importante papel na constituição de uma consciência capaz de discernir o valor da abertura e da integração e também de reinventar novas formas de vida em comum.

Por outro lado, a UNESCO vem solicitando a todos os Estados a introdução ou o alargamento da formação filosófica a toda a educação secundária, considerando substantivo o vínculo entre Filosofia e Democracia, entre Filosofia e Cidadania². Esta aproximação entre a Filosofia e a manutenção e consolidação da vida democrática tem a ver com o reconhecimento do valor da aprendizagem desta disciplina não apenas no processo do saber de si, de cada um, como também no aperfeiçoamento do seu discernimento cognitivo e ético, contribuindo, assim, directamente, para a capacitação de cada jovem para o juízo crítico e para a participação na vida comunitária.

Este apelo à inserção sistemática da Filosofia no secundário releva de uma concepção desta disciplina de que decorrem três funções essenciais:

- "permitir a cada um aperfeiçoar a análise das convicções pessoais";
- "aperceber-se da diversidade dos argumentos e das problemáticas dos outros";
- "aperceber-se do carácter limitado dos nossos saberes, mesmo dos mais assegurados".³

¹ DELORS, J. (dir.). (1996). *Educação - Um Tesouro a Descobrir*. Porto: Asa.

² DROIT, R.-P. (1995). *Philosophie et démocratie dans le monde - une enquête de l'UNESCO*. Paris: UNESCO. (p. 105)

³ *Ibidem*.

Inscrita na componente de formação geral de todos os cursos do ensino secundário⁴, a disciplina de Filosofia é reconhecida em Portugal como componente imprescindível da formação geral da educação secundária.

Esta posição da disciplina de Filosofia no conjunto curricular permite que Portugal, mantendo a sua posição destacada a nível internacional, responda favoravelmente às recomendações da UNESCO atrás referidas e, sobretudo, cabe salientar, consagra a velha tradição portuguesa de atribuir à Filosofia um papel constante no nosso plano de estudos. Na realidade, no contexto da Reforma Pombalina, começou a ensinar-se Filosofia, no que designaríamos hoje por educação secundária, desde 1791, ou seja, há mais de dois séculos, e, a despeito de alguns momentos de crise⁵, tal disciplina nunca deixou de figurar nos currículos daquele nível de ensino.

A inserção da Filosofia na nossa estrutura curricular, articulada com o que atrás ficou dito sobre o vínculo desta disciplina com as questões da cidadania e da democracia, faz pensar um determinado paradigma filosófico, ligado a uma concepção de Filosofia como uma actividade de pensar a vida e não como um mero exercício formal; ou seja, preconiza uma concepção de Filosofia que a articula com o exercício pessoal da razão, desenvolvendo uma atitude de suspeita, crítica, sobre o real como dado, mas, ao mesmo tempo, a determina como um posicionamento compreensivo, integrador e viabilizador de uma transformação do mundo. Tal paradigma supõe que "pensar por si mesmo" a vida obriga a uma discussão pública, ao reconhecimento do momento de verdade inerente a cada posição em debate, e, simultaneamente, dimensiona-se numa vocação de universalidade da razão, fazendo dela não só uma componente essencial da formação pessoal como também um instrumento da vivência e aprofundamento da vida democrática.

- **Do presente Programa de Filosofia**

No horizonte do que atrás fica dito, a disciplina de Filosofia deverá, pois, promover condições que viabilizem uma autonomia do pensar, indissociável de uma apropriação e posicionamento críticos face à realidade dada, que passa por pensar a vida nas suas múltiplas interpretações. Tal imperativo determina a prática da interpretação como via para a apropriação do real e da consciência de si - interpretação dos textos, das mensagens dos *media*, das produções científicas e tecnológicas, das instituições, em suma, da(s) cultura(s). Desta maneira, a intencionalidade estruturante da disciplina de Filosofia, no ensino secundário, deverá ser: contribuir para que cada pessoa seja capaz de **dizer a sua palavra, ouvir a palavra do outro e dialogar com ela**, visando construir uma **palavra comum** e integradora.

Orientado por esta grande intencionalidade, o Programa de Filosofia, que agora se apresenta à comunidade docente, bem como aos estudantes a quem se destina, representa uma adaptação do actual Programa de Filosofia do curso diurno às exigências do *Regime de organização, funcionamento e avaliação dos cursos de ensino recorrente de nível secundário de educação*, aprovado pela Portaria

⁴ Dec.-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março.

⁵ Em 1903 e 1904, houve propostas de abolição do ensino da filosofia. Cf. E. FEY (1978). Ensino da Filosofia em Portugal. *Brotéria. Cultura e informação*, vol. 107, nº 1, pp. 19-36; nºs 2-3, pp. 191-208; nº 4, pp. 278-295; nº 5, pp. 419--454.

nº 550-E/2004, de 21 de Maio, que determina uma estrutura modular. Por seu lado, o Programa de Filosofia do curso diurno é uma reformulação, com algumas inovações no plano do paradigma organizador do trabalho filosófico, do Programa de *Introdução à Filosofia*, aprovado em 1991, pelo Despacho nº 24/ME/91, de 31 de Julho⁶.

Procurámos manter a liberdade de movimentação dos docentes na gestão dos conteúdos, que o Programa de 1991 proporcionava, por nos parecer um imperativo da própria Filosofia e, também, por isso corresponder à dimensão do referido programa mais favoravelmente destacada pelo corpo docente⁷. Reforçámos mais esse aspecto pela criação de opções que possibilita a cada docente uma perspetivação pessoal do percurso a realizar.

Por todas estas razões, consideramos que o ensino da filosofia se deve recortar de um conjunto de finalidades que proporcione um suporte de trabalho reflexivo a todos os níveis da vida e do viver. Neste contexto, e porque não há autonomia do pensar que se constitua a partir do indiferentismo, ou sem enraizamento sócio-político-cultural, e sem o domínio do discurso, da compreensão dos seus vários tipos e das suas possibilidades de verdade ou verosimilhança, preconizamos que a consumação da intencionalidade estruturante da Filosofia, no ensino secundário, obriga a equacionar com o mesmo grau de importância, objectivos dos domínios **cognitivo**, das **atitudes e valores** e das **competências, métodos e instrumentos**.

⁶ Ver documento respectivo.

⁷ Cf. HENRIQUES, F. e BASTOS, M. (org.). (1998). *Os Actuais Programas de Filosofia do Secundário - Balanço e Perspectivas*. Lisboa: CFUL/DES. E também HENRIQUES, F.(coord.), *O Ensino da Filosofia. Figura e controvérsias*, Lisboa, CF-UL, 2001.

2ª PARTE - Apresentação do Programa

1. Finalidades

A disciplina de Filosofia,

- em co-responsabilidade com as demais disciplinas das áreas curriculares do ensino secundário,
- tendo presentes os objectivos definidos na Lei de Bases do Sistema Educativo para o ensino secundário,
- tendo também em consideração os princípios orientadores da organização e da gestão curriculares fixados no Decreto-Lei nº 74/2004, de 26 de Março,

assume, como suas, a partir da sua especificidade, as seguintes finalidades:

- Proporcionar instrumentos necessários para o **exercício pessoal da razão**, contribuindo para o desenvolvimento do raciocínio, da reflexão e da curiosidade científica, para a compreensão do carácter limitado e provisório dos nossos saberes e do valor da formação como um *continuum* da vida.
- Proporcionar situações orientadas para a formulação de um **projecto de vida próprio**, pessoal, cívico e profissional, contribuindo para o aperfeiçoamento da análise crítica das convicções pessoais e para a construção de um diálogo próprio com uma realidade social em profundo processo de transformação.
- Proporcionar oportunidades favoráveis ao desenvolvimento de um **pensamento ético e político** crítico, responsável e socialmente comprometido, contribuindo para a aquisição de competências dialógicas que predisponham à participação democrática e ao reconhecimento da democracia como o referente último da vida comunitária, assumindo a igualdade, a justiça e a paz como os seus princípios legitimadores.
- Proporcionar meios adequados ao desenvolvimento de uma **sensibilidade cultural e estética**, contribuindo para a compreensão da riqueza da diversidade cultural e da Arte como meio de realização pessoal, como expressão da identidade cultural dos povos e como reveladora do sentido da existência.
- Proporcionar mediações conducentes a uma **tomada de posição sobre o sentido da existência**, contribuindo para a compreensão da articulação constitutiva entre o ser humano e o mundo e da sua dinâmica temporal, assumindo a responsabilidade ecológica como valor e como exigência incontornável.

2. Objectivos Gerais

A - No domínio cognitivo

1. Apropriar-se progressivamente da especificidade da Filosofia.
 - 1.1. Distinguir a racionalidade filosófica de outros tipos de racionalidade.
 - 1.2. Reconhecer o trabalho filosófico como actividade interpretativa e argumentativa.
 - 1.3. Reconhecer o carácter linguístico-retórico e lógico-argumentativo do discurso filosófico.
 - 1.4. Reconhecer a Filosofia como um espaço de reflexão interdisciplinar.
 - 1.5. Reconhecer a necessidade de situar os problemas filosóficos no seu contexto histórico-cultural.
 - 1.6. Identificar as principais áreas e problemas da Filosofia.

2. Reconhecer o contributo específico da Filosofia para o desenvolvimento de um pensamento informado, metódico e crítico e para a formação de uma consciência atenta, sensível e eticamente responsável.
 - 2.1. Adquirir instrumentos cognitivos, conceptuais e metodológicos fundamentais para o desenvolvimento do trabalho filosófico e transferíveis para outras aquisições cognitivas.
 - 2.2. Adquirir informações seguras e relevantes para a compreensão dos problemas e dos desafios que se colocam às sociedades contemporâneas nos domínios da acção, dos valores, da ciência e da técnica.
 - 2.3. Desenvolver um pensamento autónomo e emancipado que, por integração progressiva e criteriosa dos saberes parcelares, permita a elaboração de sínteses reflexivas pessoais, construtivas e abertas.
 - 2.4. Desenvolver uma consciência crítica e responsável que, mediante a análise fundamentada da experiência, atenta aos desafios e aos riscos do presente, tome a seu cargo o cuidado ético pelo futuro.

B - No domínio das atitudes e dos valores

1. Promover hábitos e atitudes fundamentais ao desenvolvimento cognitivo, pessoal e social.
 - 1.1. Adquirir hábitos de estudo e de trabalho autónomo.
 - 1.2. Desenvolver atitudes de discernimento crítico perante a informação e os saberes transmitidos.
 - 1.3. Desenvolver atitudes de curiosidade, honestidade e rigor intelectuais.
 - 1.4. Desenvolver o respeito pelas convicções e atitudes dos outros, descobrindo as razões dos que pensam de modo distinto.
 - 1.5. Assumir as posições pessoais, com convicção e tolerância, rompendo com a indiferença.
 - 1.6. Desenvolver atitudes de solidariedade social e participação na vida da comunidade.

2. Desenvolver um quadro coerente e fundamentado de valores.
 - 2.1. Reconhecer distintos sistemas de valores e diferentes paradigmas de valoração.
 - 2.2. Adquirir o gosto e o interesse pelas diversas manifestações culturais.
 - 2.3. Desenvolver uma sensibilidade ética, estética, social e política.
 - 2.4. Comprometer-se na compreensão crítica do outro, no respeito pelos seus sentimentos, ideias e comportamentos.
 - 2.5. Assumir o exercício da cidadania, informando-se e participando no debate dos problemas de interesse público, nacionais e internacionais.
 - 2.6. Desenvolver a consciência do significado ético e da importância política dos direitos humanos.
 - 2.7. Desenvolver a consciência crítica dos desafios culturais decorrentes da nossa integração numa sociedade cada vez mais marcada pela globalização.

C - No domínio das competências, métodos e instrumentos

1. Ampliar as competências básicas de discurso, informação, interpretação e comunicação.
 - 1.1. Iniciar à discursividade filosófica, prestando particular atenção, nos discursos/textos, à análise das articulações lógico-sintáticas e à análise dos procedimentos retórico-argumentativos.
 - 1.2. Iniciar à comunicação filosófica, desenvolvendo de forma progressiva as capacidades de expressão pessoal, de comunicação e de diálogo.
 - 1.3. Iniciar ao conhecimento e utilização criteriosa das fontes de informação, designadamente obras de referência e novas tecnologias.
 - 1.4. Iniciar à leitura crítica da linguagem icónica (BD, pintura, fotografia) e audiovisual (cinema, televisão), tendo por base instrumentos de descodificação e análise.
 - 1.5. Dominar metodologias e técnicas de trabalho intelectual que potenciem a qualidade das aquisições cognitivas e assegurem a auto-formação e a educação permanente.
 - 1.6. Desenvolver práticas de exposição (oral e escrita) e de intervenção num debate, aprendendo a apresentar de forma metódica e compreensível as ideias próprias ou os resultados de consultas ou notas de leitura.

2. Iniciar às competências específicas de problematização, conceptualização e argumentação.
 - 2.1. Reconhecer que os problemas são constitutivos e originários do acto de filosofar.
 - 2.2. Questionar filosoficamente as pseudo-evidências da opinião corrente, por forma a ultrapassar o nível do senso comum na abordagem dos problemas.
 - 2.3. Determinar e formular adequadamente os principais problemas que se colocam no âmbito dos vários temas programáticos.
 - 2.4. Desenvolver actividades específicas de clarificação conceptual: aproximação etimológica, aproximação semântica, aproximação predicativa, definição, classificação.
 - 2.5. Adquirir e utilizar de forma progressiva e correcta os conceitos operatórios - transversais da filosofia (*vide Quadro de Conceitos*, pp. 10 -11).
 - 2.6. Identificar e clarificar de forma correcta os conceitos nucleares relativos aos temas/problemas propostos à reflexão pelo programa.
 - 2.7. Desenvolver actividades de análise e confronto de argumentos.

3. Iniciar às competências de análise e interpretação de textos e à composição filosófica.
 - 3.1. Analisar a problemática sobre a qual um texto toma posição, identificando o tema/problema, a(s) tese(s) que defende ou a(s) resposta(s) que dá, as teses ou respostas que contraria ou as teses ou respostas que explicitamente refuta.
 - 3.2. Analisar a conceptualidade sobre a qual assenta um texto, identificando os termos ou conceitos nucleares do texto, explicitando o seu significado e as suas articulações.
 - 3.3. Analisar a estrutura lógico-argumentativa de um texto, pesquisando os argumentos, dando conta do percurso argumentativo, explorando possíveis objecções e refutações.
 - 3.4. Confrontar as teses e a argumentação de um texto com teses e argumentos alternativos.
 - 3.5. Assumir posição pessoal relativamente às teses e aos argumentos em confronto.
 - 3.6. Redigir composições de análise e de interpretação de textos que incidam sobre temas/ problemas do programa efectivamente desenvolvidos nas aulas.
 - 3.7. Desenvolver, seguindo planos/guiões ou modelos simples, temas/problemas programáticos, que tenham sido objecto de abordagem nas aulas.

3. Visão Geral dos Conteúdos/Temas [dos Módulos]

- **Conteúdos/Temas dos Módulos 1, 2 e 3**

MÓDULO 1 A FILOSOFIA, A ACÇÃO HUMANA E OS VALORES

1. Introdução à filosofia e ao filosofar
 - 1.1. O que é a Filosofia? - uma resposta inicial
 - 1.2. A dimensão discursiva do trabalho filosófico
2. A acção humana e os valores como questões filosóficas
 - 2.1. Análise e compreensão do agir
 - 2.1.1. A rede conceptual da acção
 - 2.1.2. Determinismo e liberdade na acção humana
 - 2.2. Análise e compreensão da experiência valorativa
 - 2.2.1. Valores e valoração - a questão dos critérios valorativos
 - 2.2.2. Valores e cultura - a diversidade e o diálogo de culturas

MÓDULO 2 A ACÇÃO HUMANA E OS VALORES ÉTICO-POLÍTICOS

ANÁLISE E COMPREENSÃO DA EXPERIÊNCIA CONVIVENCIAL

1. Intenção ética e norma moral
2. A dimensão pessoal e social da ética - o si mesmo, o outro e as instituições
3. A necessidade de fundamentação da moral - análise comparativa de duas perspectivas filosóficas
4. Ética, direito e política - liberdade e justiça social; igualdade e diferenças; justiça e equidade

MÓDULO 3 (OPÇÃO 1) A ACÇÃO HUMANA E OS VALORES ESTÉTICOS

ANÁLISE E COMPREENSÃO DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

1. A experiência e o juízo estéticos
2. A criação artística e a obra de arte
3. A Arte – produção e consumo, comunicação e conhecimento
4. Tema/Problema do mundo contemporâneo (*Opção por 4.1., 4.2. ou 4.3.*)
 - 4.1. A obra de arte na era das indústrias culturais
 - 4.2. Arte e ideologia
 - 4.3. Outro tema

MÓDULO 3 (OPÇÃO 2) A ACÇÃO HUMANA E OS VALORES RELIGIOSOS

ANÁLISE E COMPREENSÃO DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

1. A Religião e o sentido da existência - a experiência da finitude e a abertura à transcendência
2. As dimensões pessoal e social das religiões
3. Religião, razão e fé - tarefas e desafios da tolerância
4. Tema/Problema do mundo contemporâneo (*Opção por 4.1., 4.2. ou 4.3.*)
 - 4.1. A dessacralização do mundo e a perda do sentido
 - 4.2. A paz mundial e o diálogo inter-religioso
 - 4.3. Outro tema

- **Quadro de conceitos operatórios**

A prática filosófica distingue-se, talvez em primeiro lugar, pela especificidade e radicalidade dos *temas/problemas* que aborda, sejam eles metafísicos ou gnosiológicos, éticos ou estéticos, lógicos ou epistemológicos. Mas o trabalho filosófico distingue-se também pela especificidade da *linguagem* que utiliza, em particular pela especificidade dos *conceitos* que mobiliza. Cunhados e apurados ao longo da história da filosofia, é com eles que a filosofia configura o discurso sobre os temas/problemas abordados, assumindo portanto esses conceitos um carácter heurístico e operatório ou instrumental.

De entre os conceitos operatórios com que trabalha a filosofia, tomados como instrumentos intelectuais de análise e de reflexão, poder-se-ão distinguir três grupos maiores:

- **os conceitos gerais** ou **transversais**, aqueles que atravessam todas ou quase todas as abordagens temáticas;
- **os conceitos específicos** ou **regionais**, aqueles com os quais a filosofia configura a abordagem de temas/problemas particulares (metafísicos, gnosiológicos, éticos, estéticos, lógicos ou epistemológicos);
- **os conceitos metodológicos ou instrumentais**, aqueles que dizem respeito às competências e à metodologia do trabalho filosófico.

Os **conceitos específicos** ou **regionais** propostos à aprendizagem pelo presente programa são aqueles que constam dos enunciados relativos aos **Conteúdos/Temas** programáticos, cuja explicitação mais pormenorizada se pode ver no **Desenvolvimento do Programa** (pp.21-39).

Relativamente aos **conceitos gerais** ou **transversais** e aos **conceitos metodológicos** ou **instrumentais**, que hão-de informar, do princípio ao fim, o trabalho filosófico e a abordagem dos vários temas/problemas, entendeu-se por bem dar-lhes um lugar de destaque (*vide* quadros abaixo).

Pretendeu-se assim chamar a atenção para a importância da sua progressiva introdução e do seu uso sistemático no trabalho do dia-a-dia, consideradas as suas vantagens (filosóficas) sobre os termos mais vulgares da linguagem corrente.

Não se circunscrevem a nenhuma rubrica programática específica; eles hão-de sim ser introduzidos à medida da sua oportunidade e conveniência. Deverão ser aprendidos como se aprende, naturalmente, uma língua. Cada docente fará um uso permanente e rigoroso deles, sempre que os temas ou as actividades o exigirem; os alunos e as alunas utilizá-los-ão, também, progressivamente: inicialmente de modo incerto, logo depois de forma mais segura e explícita.

Os quadros que se seguem incluem alguns dos que se julgaram mais frequentes, sem qualquer pretensão de esgotar a lista de outros que nela poderiam ter lugar.

CONCEITOS GERAIS OU TRANSVERSAIS	
absoluto / relativo	formal / material
abstracto / concreto	identidade / contradição
antecedente / conseqüente	imediatez / mediação
aparência / realidade	intuitivo / discursivo
<i>a priori / a posteriori</i>	particular / universal
causalidade / finalidade	saber / opinião
compreensão / explicação	sensível / inteligível
contingente / necessário	sentido / referência
dedução / indução	ser / devir
dogmático / crítico	subjectivo / objectivo
dúvida / certeza	substância / acidente
empírico / racional	verdade / validade
essência / existência	teoria / prática
finitude / infinitude	transcendente / imanente

CONCEITOS METODOLÓGICOS OU INSTRUMENTAIS
Conceptualizar / conceptualização
Aproximação linguística
Aproximação predicativa
Aproximação extensiva
Aproximação metafórica
Problematizar / problematização
Problema filosófico
Questionamento filosófico
Argumentar / argumentação
Tese
Argumento e contra-argumento
Defesa e refutação

4. Metodologia: princípios, sugestões e recursos

• Princípios metodológicos

Os princípios subjacentes às sugestões metodológicas que irão ser propostas implicam um tipo de aula centrado no **trabalho efectivo**, assente fundamentalmente na análise e interpretação de textos e outros documentos. O diálogo, aqui também suposto, é sobretudo pensado como um debate a partir de um elemento comum a docentes e alunos e alunas que servirá, simultaneamente, como o lugar da procura de informações, e o ponto de partida da análise crítica. Procura-se que, desde o início do trabalho, cada discente possa tomar iniciativas de interpretação e compreensão dos temas e, assim, caminhar no sentido da configuração progressiva da sua autonomia, factor absolutamente imprescindível na aprendizagem da filosofia.

A relevância dada a um documento de referência no contexto do desenvolvimento das aulas, corresponde à convicção, já referida na introdução, que o exercício pessoal da razão implica a alteridade, ou seja, que pensar é **pensar com** ou **pensar a partir de**.

Dito por outras palavras, tem-se como *ideia reguladora* a aula como espaço de trabalho que permita a assimilação pessoal e a posição crítica, mas onde se assume também a filosofia como produto cultural, com elementos teóricos estruturados que é necessário conhecer. Ou seja, supõe-se um trabalho de síntese pessoal da parte das alunas e alunos, mas também a aquisição de dados informativos sobretudo no sentido da clarificação conceptual e de rigor argumentativo.

Transportada para o plano das aprendizagens, esta *ideia reguladora*, obriga à configuração de um processo sustentado por três princípios:

- princípio da progressividade das aprendizagens;
- princípio da diferenciação das estratégias;
- princípio da diversidade dos recursos.

Princípio da progressividade das aprendizagens

Com este princípio pretende-se assinalar que, embora a dinâmica da realidade seja complexa e nunca linear, deve haver o cuidado pedagógico de definir precedências nas aprendizagens, não só em termos dos núcleos temáticos a abordar como das actividades a desenvolver nessa abordagem e dos recursos documentais a serem utilizados.

As implicações metodológicas desta opção na condução do processo de ensino e de aprendizagem são múltiplas, sendo de salientar as seguintes:

- a) na importância e no rigor da avaliação diagnóstica, sobretudo da inicial, especialmente, das competências discursivas e reflexivas;
- b) no papel dos docentes e de alunos e alunas, privilegiando uma lógica da aprendizagem relativamente a uma lógica de ensino;

- c) na planificação de actividades que tenham em conta a progressividade das competências a desenvolver;
- d) na escolha de documentação de apoio adequada à consecução dessa progressividade.

Princípio da diferenciação de estratégias

Este princípio decorre de duas exigências específicas:

- a) por um lado, o privilegiar de uma lógica de aprendizagem, que tenha em conta os diferentes estilos de aprendizagem próprios de cada discente, sendo imperioso que as professoras e os professores recorram a formas diversificadas de abordar e fundamentar as questões para que estudantes mais analíticos ou mais intuitivos, por exemplo, não sejam sempre beneficiados ou prejudicados;
- b) por outro lado, a diferenciação de estratégias é uma consequência directa da diversidade dos objectivos que o programa propõe.

Princípio da diversidade dos recursos

Este princípio é, desde logo, um corolário dos anteriores. A sua suposição implica que as aulas devem assentar na variedade de recursos que cada situação possibilitar. Indicamos os que parecem ser mais relevantes:

1 - Em primeiro lugar os textos. A história da filosofia tem figura nos textos que foram sendo escritos, e a sua interpretação, sempre renovada, permite que a filosofia se vá constituindo na sua novidade. Contudo, propõe-se que se utilizem na sala de aula diferentes tipos de textos e não apenas os que o *canon* catalogou de filosóficos. Exemplificando:

- a) Os textos filosóficos devem constituir os mais importantes materiais para o ensino e a aprendizagem do filosofar.

A sua selecção adequada representa um dos maiores desafios para as professoras e os professores. Nem sempre é fácil encontrar os textos que têm incidência nos temas/problemas em estudo, nem sempre é fácil encontrar os textos apropriados ao nível em que se encontram os jovens e as jovens, nem sempre é fácil encontrar diferentes textos que reflectam distintas posições/teses/respostas sobre um mesmo problema. A adequação aos temas e a adequação ao nível dos alunos e alunas, assim como a expressão de distintas posições sobre um mesmo tema são três dos mais relevantes critérios da sua selecção.

Um segundo e decisivo desafio para a experiência bem sucedida do trabalho com os textos filosóficos diz respeito às *orientações para a sua leitura, análise, interpretação e discussão*. Sem instruções claras sobre o trabalho a empreender, sem guiões explícitos de actividades, corre-se sempre o risco de introduzir confusão nas tarefas, propiciadora de experiências mal sucedidas e conseqüente desmotivação.

- b) Para além dos textos filosóficos, os dicionários especializados, as histórias da filosofia e outras obras de referência, filosóficas ou não, deverão constituir também alguns dos recursos a mobilizar.

Sendo a actividade filosófica uma actividade por excelência de investigação, a prática de consulta de diversificadas fontes de informação deverá ser implementada assiduamente, residindo aqui uma das dimensões formativas da filosofia, contribuindo deste modo para o desenvolvimento de competências fundamentais. Esta prática é mais vantajosamente estimulável se for desencadeada em função de projectos específicos de intervenção por parte dos alunos e alunas: necessidade de preparar uma exposição na aula, necessidade de apresentar um pequeno trabalho monográfico, necessidade de elaborar uma nota de leitura.

- c) A utilização de textos literários deve assumir também um papel relevante, na medida em que eles podem constituir-se como matéria mesma sobre a qual a actividade filosófica, como actividade interpretativa, se pode exercer. A obra literária ao configurar um mundo, onde padecem e agem seres humanos num quadro de relações complexas, explicita modos possíveis de ser, de agir e de habitar a realidade, podendo funcionar como indutor de conteúdos, levando alunas e alunos a sair de si e confrontar-se com essa perspectiva de viver, pensar e ser que lhes é proposta. Este processo, simultâneo, de descentração e alargamento da experiência pessoal, cria condições favoráveis ao exercício filosófico da crítica e compreensão.

2 - Também os meios audiovisuais podem ser objecto de múltiplas utilizações na aula de filosofia e contribuir para o desenvolvimento de diversas competências.

O recurso a transparências, como apoio à apresentação de exposições, de esquemas integradores dos percursos conceptuais, ou para exibir a estrutura argumentativa de textos, reveste-se de importância indispensável.

O visionamento de documentos ou filmes pode tornar-se relevante, se não mesmo imprescindível, para motivar e operacionalizar a abordagem de desafios actuais. A exibição de *spots* publicitários, de excertos de intervenções políticas e de fragmentos fílmicos, poderá constituir oportunidade privilegiada para o exercício da crítica social e política.

Para que a exibição de documentos audiovisuais se torne mais formativa, parece necessário que seja acompanhada de critérios ou guiões de análise, evitando a recepção passiva, desenvolvendo hábitos de leitura activa, desencadeando atitudes de distanciamento e análise crítica.

3 - Por fim, mas não em último lugar, o computador. O computador adquiriu definitivamente um lugar privilegiado entre os recursos de aprendizagem. Para além de meio instrumental para o processamento de texto e de outras informações e também para a comunicação inter-individual e em rede, ele abre portas às mais diferentes fontes de informação, com destaque para os *CD-ROMs* e a *Internet*. A elaboração de trabalhos escolares e a necessária pesquisa de informações têm no computador um espaço e oportunidades cada vez mais potenciados, com possibilidades ilimitadas.

Professores e professoras têm aqui um dos seus mais importantes desafios e alunos e alunas uma das mais profícuas possibilidades.

- **Sugestões metodológicas gerais**

Para além das notas já explicitadas a propósito dos princípios metodológicos e das sugestões mais específicas que aparecem no desdobramento do programa, pretende-se aqui realçar dois aspectos:

1 - Antes de mais, afirmar a necessidade de recorrer na abordagem dos temas a autores específicos da história da filosofia que com eles mantenham relações privilegiadas. Esse recurso deve ser feito tendo também em conta, não só o gosto e a formação de cada docente, como também uma diferenciação temporal que dê visibilidade à riqueza e diversidade da produção filosófica.

2 - Em segundo lugar, sugere-se que, no decurso do processo das aulas, se dê relevo à importância da aquisição de um método próprio de trabalho que, embora integrando técnicas mais ou menos padronizadas, corresponda, contudo, ao modo específico de ser e de pensar de cada estudante. Nesse contexto, poder-se-á, por exemplo, apresentar e discutir diferentes modelos ou perspectivas de análise e interpretação de textos, mostrando as potencialidades de cada um.

Esta importância da metodologia poderá ainda ser evidenciada se se tiver o cuidado de propor actividades de leitura ou de escrita que sejam acompanhadas de guiões ou de planos adequados e se solicite que qualquer produção escrita contenha sempre o esquema que presidiu ao seu desenvolvimento.

5. Avaliação

A avaliação constitui para qualquer didáctica disciplinar um dos mais complexos problemas. Antes mesmo de se constituir como um problema estritamente pedagógico ou técnico, ela é um problema ideológico e político, ético e deontológico, de justiça e equidade, sobretudo.

Perspectivada por muitos como peça-chave dos sistemas educativos para o exercício sempre controverso do controlo e da selecção sociais, a avaliação transforma-se num campo de confrontação ideológica, a exigir dos professores e das professoras uma atitude institucional crítica.

Porque o processo da avaliação vai ter repercussões sobre seres humanos únicos e concretos, ainda por cima muito diferentes uns dos outros, com origens sociais e culturais muito díspares, a avaliação exige sensibilidade e, sobretudo, justiça e equidade.

Em Filosofia, por via da especificidade e complexidade dos processos cognitivos que estão em apreço no ensino e na aprendizagem do filosofar, a avaliação reveste-se de dificuldades pedagógicas particulares, a exigir não apenas intervenção sensata, cuidado responsável e justiça equitativa, mas também critérios explícitos e transparentes de consecução bem sucedida das tarefas, diversidade e adequação de instrumentos, pluralidade e riqueza das fontes, oportunidade e sensibilidade na comunicação das observações e dos resultados.

O problema maior reside seguramente na dificuldade em proceder a uma avaliação justa e equitativa. Segundo que máximas de justiça se deve avaliar: 1) a cada um a mesma coisa?; 2) a cada um segundo os seus méritos?; 3) a cada um segundo as suas obras?; 4) a cada um segundo o seu trabalho?; 5) a cada um segundo o seu esforço?; 6) a cada um segundo os resultados alcançados?; 7) de cada um segundo as suas possibilidades?; 8) de cada um segundo as suas condições?

Reconhecidos os desafios e as dificuldades apontadas, não pode o Programa, ainda por cima ignorando as situações e as circunstâncias concretas, propor orientações normativas rígidas. O que se propõe é apenas um conjunto de *Princípios* gerais, com indicação de uma pluralidade de *Fontes* a utilizar, a que se juntam alguns *Critérios* de avaliação sumativa. Esclarece-se que os critérios de avaliação sumativa adiante explicitados são propostos antes de mais como referenciais para guiar o processo de ensino e sobretudo de aprendizagem, uma vez que uma avaliação sumativa não pode exceder o que foi efectivamente objecto de actividades de ensino e de aprendizagem.

• Princípios reguladores da Avaliação

- Considerando que entre os diversos elementos que integram o processo de ensino e de aprendizagem (objectivos, conteúdos, competências, actividades, recursos e avaliação) deve existir correspondência e articulação;
- considerando que a avaliação tem por função prioritária regular e otimizar o processo de ensino e de aprendizagem, ajudando o aluno a aprender e o professor a ensinar;
- considerando que as tarefas e as actividades de avaliação devem, sempre que possível, coincidir com as tarefas e actividades de ensino e aprendizagem;

- considerando também a especificidade e complexidade dos processos cognitivos intrínsecos à aprendizagem do filosofar, assim como as características próprias do trabalho filosófico;

a avaliação em Filosofia deverá corresponder às exigências que a seguir se enunciam:

a) Predominantemente **formativa e qualitativa**

Deverá, ao longo do processo de ensino e de aprendizagem, *informar* e *regular* o curso das aquisições cognitivas e a realização bem sucedida das actividades e das produções (discursivas, sobretudo) em que se concretizam as competências a adquirir, tendo por referência instruções claras para a realização das tarefas e critérios precisos para apreciação dos resultados.

b) Tendencialmente **contínua**

Deverá acompanhar e articular-se com todos os momentos e actividades em que se concretiza o processo de ensino e de aprendizagem, evitando aquisições cognitivas erróneas ou realizações equivocadas que venham a prejudicar aquisições e realizações futuras.

c) Atenta às **competências** e às **actividades**

Deverá prestar atenção particular às competências e às actividades, tendo em consideração que a filosofia se define de modo substantivo como exercício e actividade de pensamento e juízo, como saber-fazer racional crítico.

d) **Diagnóstica e prognóstica**

Deverá anteceder o próprio processo de iniciação ao filosofar propriamente dito, analisando as condições de possibilidade de trabalho filosófico: limites e potencialidades linguísticas, competências e deficiências discursivas, dificuldades e facilidades de comunicação, hábitos e métodos de estudo e trabalho intelectual.

e) **Democrática e participada**

Deverá ser realizada com os alunos e alunas, enquanto primeiros interessados em experiências cognitivas bem sucedidas, enquanto intérpretes privilegiados de reais dificuldades, enquanto únicos conhecedores de algumas dúvidas ou hesitações, enquanto únicos conhecedores de algumas potencialidades que passam despercebidas.

f) **Sumativa**

Segundo a Portaria 550-E/2004, de 21 de Maio, “A avaliação sumativa consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o grau de desenvolvimento das aprendizagens do aluno e tem como objectivos a classificação e certificação” (art.18º).

- **Fontes privilegiadas da Avaliação**

- Considerando a diversidade e heterogeneidade sócio-cultural da população escolar e os diferentes estilos individuais de aprendizagem;
- considerando que o recurso privilegiado aos testes escritos não coincide com a natureza da maior parte das actividades de ensino e de aprendizagem, predominantemente orais, nem permite avaliar com autenticidade muitas das aquisições e competências cognitivas;
- considerando também a especificidade e complexidade dos processos cognitivos, assim como as exigências particulares do trabalho filosófico;

a avaliação em Filosofia deverá diversificar as fontes e os instrumentos de avaliação, nomeadamente:

- a) A **observação**, tão sistemática quanto possível, tendo por finalidade recolher informações sobre hábitos de trabalho, atitudes, grau de participação e interesse e, em particular, sobre a evolução no processo de aprendizagem.
- b) As **intervenções orais**, em debates, em resposta a solicitações da professora ou do professor, possibilitarão apreciar a qualidade da precisão conceptual e da clareza discursiva, a capacidade da comunicação e o valor da argumentação.
- c) As **exposições orais**, a partir de leituras ou de pesquisas solicitadas, permitirão apreciar a pertinência da interpretação, a capacidade de trabalho autónomo, a aquisição de métodos de pesquisa, o conhecimento e o domínio das fontes de informação.
- d) As **produções escritas** - actas e relatórios, resumos e notas de leitura, apreciações e reflexões pessoais - possibilitarão avaliar a capacidade de escuta e compreensão oral, a qualidade de leitura compreensiva e sua expressão escrita, a capacidade de (se) questionar (sobre) matérias controversas.
- e) A **análise e interpretação de textos argumentativos** - análise metódica, com ou sem guião, interpretação, discussão - permitirá apreciar as capacidades de detectar elementos essenciais tais como: tema/problema, tese/posição do autor, argumentos/provas despendidos e também apreciar as capacidades de contrapor posições alternativas e explicitar argumentos/provas pertinentes.
- f) As **composições filosóficas** de desenvolvimento metódico (filosófico) de temas/problemas, efectivamente tratados nas aulas, possibilitarão apreciar as capacidades de interpretar, problematizar e argumentar um tema filosoficamente relevante.
- g) **Outras fontes** - cada docente, por sua iniciativa ou por acordo com o grupo de Filosofia, poderá obviamente socorrer-se de outras fontes: designadamente, algum pequeno trabalho monográfico, planificado de antemão, fichas de trabalho, organização de dossiers temáticos ou caderno de actividades. Os critérios de apreciação deverão ser previamente definidos e explicitados perante cada turma.

- **Critérios de referência para avaliação sumativa**

Uma vez que, respeitado o regime de avaliação das aprendizagens fixado pela Portaria 550-E/2004, de 21 de Maio, a responsabilidade pelo ajustamento de conteúdos, de objectivos, de competências e de critérios da avaliação sumativa cabe à escola e, em particular, ao Conselho de Grupo, nenhum programa pode fixar critérios rígidos, universais e obrigatórios de avaliação.

Entendeu-se, no entanto, que o Programa não poderia silenciar a questão concreta dos critérios de avaliação sumativa, não propondo quaisquer indicadores da consecução dos objectivos gerais fixados.

Partiu-se do princípio que um dos factores mais decisivos para garantir justiça na avaliação e evitar tateios por parte dos alunos e das alunas e arbitrariedades não desejadas pelos professores e pelas professoras é seguramente a transparência e a clareza dos critérios de avaliação.

Admitiu-se também, como condição da legitimidade da avaliação, a coerência e continuidade dos critérios de avaliação com os critérios de realização bem sucedida das actividades de aprendizagem: não é legítimo avaliar o que não foi intencionalmente ensinado e/ou não foi objecto de actividades de aprendizagem (de exercício) ao longo do processo.

Considerou-se, ainda, que importava clarificar que indicadores de sucesso deverão ser tomados como indícios seguros para o reconhecimento das aprendizagens previstas e das aquisições cognitivas desejadas. Por esta razão, se indicam não os conteúdos sobre que deve recair a avaliação de conhecimentos mas preferencialmente o tipo de actividades ou tarefas em que se hão-de revelar o nível e a qualidade das aquisições cognitivas e das competências alcançadas.

Os critérios de avaliação sumativa que a seguir se enunciam, sendo propostos tão-só como critérios de referência, deverão, no entanto, ser tomados como marcos ou balizas para um acordo pedagógico-didáctico desejável, entre docentes e entre docentes e discentes, admitindo que as cláusulas específicas só podem ser estabelecidas localmente e localmente “assinadas”.

Eis, assim, os critérios que deverão mobilizar e direccionar as aprendizagens e que, conseqüentemente, deverão balizar também as actividades de avaliação sumativa.

No final do 11º ano, os alunos e as alunas deverão ser capazes de:

- 1. Recolher informação** relevante sobre um tema concreto do programa e, utilizando fontes diversas - obras de referência, suportes electrónicos ou outros - **compará-la e utilizá-la criticamente** na análise dos problemas em apreço.
- 2. Clarificar o significado e utilizar de forma adequada os conceitos fundamentais**, relativos aos temas/problemas desenvolvidos ao longo do programa de Filosofia.
- 3. Redigir textos** - sob a forma de acta, síntese de aula(s) ou relatório - que expressem de forma clara, coerente e concisa o resultado do trabalho de compreensão e reflexão sobre os problemas filosóficos efectivamente tratados.
- 4. Participar em debates** acerca de temas relacionados com os conteúdos programáticos, confrontando e valorando posições filosóficas pertinentes ainda que conflitantes e auscultando e dialogando com os intervenientes que sustentam outras interpretações.
- 5. Analisar textos de carácter argumentativo** - oralmente ou por escrito -, atendendo:
 - à identificação do seu tema/problema;
 - à clarificação dos termos específicos ou conceitos que aparecem;
 - à explicitação da resposta dada ou da tese defendida;
 - à análise dos argumentos, razões ou provas avançados;
 - à relação de conteúdo com os conhecimentos adquiridos.
- 6. Compor textos de carácter argumentativo** sobre algum tema/problema do programa efectivamente tratado e acerca do qual tenham sido discutidas distintas posições ou teses e os correspondentes argumentos:
 - formulando com precisão o problema em apreço;
 - expondo com imparcialidade as teses concorrentes;
 - confrontando as teses concorrentes entre si;
 - elaborando uma resposta reflectida à questão ou problema.
- 7. Realizar um pequeno trabalho monográfico** acerca de algum problema filosófico de interesse para o estudante, relacionado com algum conteúdo programático efectivamente abordado e metodologicamente acompanhado pelo docente nas tarefas de planificação.

3ª PARTE – Desenvolvimento do Programa

MÓDULOS 1, 2 e 3

10º ANO

MÓDULO 1

A FILOSOFIA, A ACÇÃO HUMANA E OS VALORES

Conteúdos / Temas

1. Introdução à filosofia e ao filosofar
 - 1.1. O que é a Filosofia? - uma resposta inicial
 - 1.2. A dimensão discursiva do trabalho filosófico
2. A acção humana e os valores como questões filosóficas
 - 2.1. Análise e compreensão do agir
 - 2.1.1. A rede conceptual da acção
 - 2.1.2. Determinismo e liberdade na acção humana
 - 2.2. Análise e compreensão da experiência valorativa
 - 2.2.1. Valores e valoração - a questão dos critérios valorativos
 - 2.2.2. Valores e cultura - a diversidade e o diálogo de culturas

Gestão: 24 tempos lectivos de 90'
(12 semanas)

CONCEITOS ESPECÍFICOS NUCLEARES – 1. filosofia, problema ou questão filosóficos, discurso, interpretação, problema/questão, tese, argumento, conceito, juízo e raciocínio, subjectivo e objectivo, concreto e abstracto. 2. acção, razão/causa, fim, intenção, projecto, motivo, desejo, deliberação, decisão, determinismo, liberdade, valor, preferência valorativa, critério valorativo, cultura.

Objectivos / Competências

1. Referir algumas definições de filosofia e caracterizar a especificidade do trabalho filosófico:

- identificando algumas áreas e alguns problemas da filosofia;
- distinguindo questões filosóficas de questões não filosóficas;
- reconhecendo o trabalho filosófico como uma actividade interpretativa e discursiva.

2. Caracterizar compreensivamente a especificidade do agir humano:

- distinguindo os mais importantes conceitos da rede conceptual da acção: acção, intenção, motivo, deliberação, decisão e agente;
- distinguindo o que fazemos (acções) do que nos acontece e do que acontece na natureza (eventos);
- reconhecendo a presença de *intenções*, *razões* e *fins* na origem das acções genuinamente humanas.

3. Analisar criticamente a complexidade do agir humano:

- reconhecendo o duplo carácter consciente e inconsciente dos *motivos* e dos *desejos*;
- dando conta da experiência complexa da *deliberação* e da *decisão*;
- dando conta da dificuldade da atribuição de responsabilidade ao agente pelos actos praticados.

4. Determinar e formular adequadamente o problema do determinismo e liberdade na acção humana:

- reconhecendo o carácter condicionado e situado da liberdade humana;
- reconhecendo as várias esferas ou dimensões da acção humana como campos de possibilidades para o exercício responsável e o desenvolvimento perfectível da *liberdade humana*.

5. Caracterizar a especificidade da experiência valorativa e estabelecer o seu vínculo com as culturas e os correspondentes sistemas de valores e paradigmas de valoração:

- reconhecendo a experiência valorativa como uma ruptura com a indiferença;
- distinguindo a experiência valorativa de outros tipos de experiência;
- dando conta da diversidade dos critérios valorativos nas diversas culturas;
- reconhecendo a necessidade de um diálogo intercultural.

Competências especialmente visadas

Para este primeiro módulo, propõe-se, em particular, a ampliação das "competências básicas de discurso, informação, interpretação e comunicação" enunciadas no Programa (p. 8), com destaque para as seguintes:

- Iniciar à discursividade filosófica, prestando particular atenção, nos discursos/textos, à análise das articulações lógico-sintácticas e à análise dos procedimentos retórico-argumentativos.
- Iniciar à comunicação filosófica, desenvolvendo de forma progressiva as capacidades de expressão pessoal, de comunicação e de diálogo.
- Desenvolver práticas de exposição (oral e escrita) e de intervenção num debate, aprendendo a apresentar de forma metódica e compreensível as ideias próprias ou os resultados de consultas ou notas de leitura.

Sugestões metodológicas

Percurso de aprendizagem	Actividades de aprendizagem
<p>1. Introdução à filosofia e ao filosofar</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Breve resposta à questão - O que é a filosofia? ✓ Distinção entre questões filosóficas e questões não filosóficas ✓ Iniciação à discursividade filosófica <p>2. Análise da especificidade humana do agir</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Distinção entre o que fazemos e o que (nos) acontece ✓ Caracterização dos actos genuinamente humanos (a presença de <i>razões</i> e <i>fins</i>, <i>intenções</i> e <i>projectos</i> na base das acções) <p>3. Análise da complexidade do agir</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ As dimensões consciente e inconsciente dos <i>motivos</i> e dos <i>desejos</i> ✓ A complexidade da experiência da <i>deliberação</i> e da <i>decisão</i> <p>4. O problema do <i>determinismo</i> e da <i>liberdade</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ As <i>condicionantes físico - biológicas</i> e <i>histórico – culturais</i> ✓ A acção como campo de possibilidades - espaço para a <i>liberdade</i> do <i>agente</i> <p>5. A experiência valorativa, os valores e as culturas</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ A experiência valorativa como uma relação afectiva ao mundo e uma ruptura com a indiferença ✓ Os valores e os critérios valorativos (subjectivos, intersubjectivos e universais) ✓ Os valores e as culturas: multiculturalismo e diálogo intercultural 	<p>Desenvolvimento de actividades que possibilitem o diagnóstico e a ampliação das “competências básicas de discurso, informação, interpretação e comunicação”, enquanto pré-requisitos do trabalho filosófico. Propõe-se também algumas actividades de conceptualização.</p> <p>1. Actividades de leitura compreensiva de textos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Exercícios de análise lógico-sintáctica e de análise lógico-argumentativa; - Questões e exercícios dirigidos à compreensão e interpretação. <p>2. Actividades de <i>conceptualização</i>:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Aproximação predicativa</i> aos conceitos da rede conceptual da acção; - <i>Aproximação predicativa e metafórica</i> aos conceitos de <i>determinismo</i> e <i>liberdade</i>. <p>3. Actividades de debate (discussão dirigida):</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Análise de casos</i> e de <i>dilemas</i> que mobilizem a sensibilidade e permitam clarificar e confrontar com outros os valores e as preferências valorativas individuais; - Procura intersubjectiva de <i>boas razões</i> e avaliação dos <i>argumentos</i> que justificam (ou não) as opiniões emitidas ou as soluções preconizadas para os casos e os dilemas analisados.
<p>Avaliação</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ <i>A avaliação sumativa interna na modalidade de frequência presencial</i>, a realizar em contexto de turma, de forma contínua, neste módulo 1, deverá ter por referência os objectivos cognitivos enunciados e as competências básicas efectivamente desenvolvidas. Os instrumentos de avaliação, além de diversificados, devem ser concebidos em conformidade com a tipologia das actividades efectivamente trabalhadas nas aulas. ✓ <i>Na avaliação sumativa interna na modalidade de frequência não presencial</i>, a prova escrita, nas duas formas que pode assumir - incidindo só sobre o módulo 1 ou sobre os três módulos-, deverá ter por referência os objectivos cognitivos e as competências básicas enunciados para o módulo. Assim, deverá incluir itens que permitam avaliar os conteúdos deste módulo e as competências básicas de leitura compreensiva, de interpretação discursiva e de conceptualização (definição ou clarificação de alguns conceitos nucleares). 	

Bibliografia⁸

1. Introdução à filosofia e ao filosofar

Aavv (1994). *Formas Históricas da Comunicação e seus Desafios Actuais*, número monográfico de *Caderno de Filosofias*, nº 6/7.

Comunicações no II Encontro de Didáctica da Filosofia, da APF. De interesse para um conhecimento de diversas posições filosóficas sobre o ensino e a transmissão da filosofia.

Apel, K.-O. (1985). *La Transformación de la Filosofía, I e II*. Madrid: Taurus Ediciones.

Demarcando-se dos que admitem a "morte da filosofia", o autor propõe a transformação da Filosofia transcendental clássica da consciência numa filosofia transcendental da linguagem que reconheça o carácter dialógico e comunicativo da razão.

Cossuta, F. (1998). *Didáctica da Filosofia*. Porto: Asa.

As dimensões constitutivas do texto filosófico - Proposta de um método de leitura.

Folscheid, D. & Wunennburger, J.-J. (1997). *Metodologia Filosófica*. São Paulo: Martins Fontes.

A leitura e produção de textos na aprendizagem da filosofia. Explicação e comentário de textos, dissertação - abordagem teórica e exercícios práticos.

Izuzquiza, I. (1982). *La Clase de Filosofía como Simulación de la Actividad Filosófica*. Madrid: Anaya.

Exposição teórica sobre a aula de filosofia como laboratório conceptual, de simulação gnosiológica que constitui os problemas filosóficos como material de trabalho-investigação; completada por diversos planos de experiências de simulação.

Langer, S. (1971). *Filosofia em Nova Chave*. S. Paulo: Ed. Perspectiva.

Com base numa posição sobre a origem da linguagem que reputa como essencialmente expressiva, a autora apresenta o símbolo como nova chave para a abordagem filosófica.

Meyer, M. (1991). *A Problematologia*. Lisboa: Publ. Dom Quixote.

O retorno ao sentido originário da "interrogação radical" em Filosofia - uma alternativa ao niilismo e "cientismo".

Moscariello, A. (1985). *Como Ver um Filme*. Lisboa: Ed. Presença.

Uma abordagem do cinema como uma interpretação específica da realidade; procura fornecer uma chave de análise dos elementos com os quais essa interpretação se constrói, recorrendo a exemplos de películas célebres.

2. A acção humana e os valores como questões filosóficas

Barata-Moura, J. (1982). *Para uma crítica da "Filosofia dos Valores"*. Lisboa: Livros Horizonte.

O livro reúne dois textos. No primeiro, que dá o título à obra, o autor apresenta uma análise da "Filosofia dos valores", salientando a sua base idealista, presente, designadamente, no suposto da irreductibilidade do dever-ser ao ser. No segundo, sobre o tema: "Conhecer, Valorar e Agir", confronta-se a unidade dialéctica da prática e do conhecimento com a contraposição abstracta do "conhecer" e do "valorar".

Camps, V. (1996). *Paradoxos do Individualismo*. Lisboa: Relógio d'Água.

Partindo de uma análise de questões candentes da sociedade actual, como a do trabalho, a da qualidade de vida, a da comunicação, a autora problematiza-as à luz do individualismo como valor paradoxal.

Comte-Sponville, A. & Ferry, L. (2000). *A Sabedoria dos Modernos: Dez questões para o nosso tempo*. Lisboa: Instituto Piaget.

Artigos dos dois autores sobre dez questões que, emergindo da dinâmica cultural contemporânea, são pensadas no quadro da reflexão filosófica, comportando ainda uma conclusão onde se discute a função e a utilidade da Filosofia hoje.

⁸ Todas as datas indicadas referem-se às das edições citadas. Todas as citações das obras traduzidas são feitas a partir do título da respectiva tradução.

Mosterín, J. (1987). *Racionalidad y Acción Humana*. Madrid: Alianza Editorial.

Explicação sucinta das noções de racionalidade e racionalidade prática, interesse e desejo, crer e saber, e uma exposição muito clara dos conceitos que integram a rede conceptual da acção.

Ricoeur, P. (1988). *O Discurso da Acção*. Lisboa: Ed. 70.

No quadro habitual do pensar ricoeuriano, este texto confronta e dialectiza as perspectivas fenomenológica e analítica a propósito da problemática do agir humano.

White, A. R. (org.). (1976). *La Filosofía de l'Acción*. México: F.C.E..

Recolha de textos de nove dos mais representativos autores que escreveram sobre Filosofia da acção (Austin, Danto, Melden, Davidson, Anscombe, e outros). Conceitos abordados: acções, razões e causas, responsabilidade, intenção e motivos.

Sugestões de leituras para estudantes

1. Introdução à filosofia e ao filosofar

Breyner, S. M. (1989). *A Viagem*. In *Contos Exemplares*. s/l: Figueirinhas.

Jaspers, K. (1984) *Iniciação à Filosofia*. Lisboa: Guimarães Ed..

Kant, I. (1988). Resposta à pergunta: Que é o Iluminismo?. In *A Paz Perpétua e Outros Opúsculos*. Lisboa: Ed. 70.

Nagel, Th. (1995). *Que Quer Dizer Tudo Isto? Uma Introdução à Filosofia*. Lisboa: Gradiva.

Platão (1993). *Apologia de Sócrates*. In *Éutifron, Apologia de Sócrates, Críton*. Lisboa: INCM.

Reich, W. (1977). *Escuta Zé Ninguém*. Lisboa: Publ. Dom Quixote.

Sérgio, A. (1980). Prefácio do Tradutor. In RUSSELL, B.. *Os Problemas da Filosofia*. Coimbra: Arménio Amado.

Warburton, N. (1998). *Elementos Básicos de Filosofia*. Lisboa: Gradiva.

Zambrano, M. (1993). *A Metáfora do Coração e Outros Escritos*. Lisboa: Assírio e Alvim.

2. A acção humana e os valores como questões filosóficas

Eco, U. (s/d). *O Nome da Rosa*. Lisboa: Diffel.

Huxley, A. (s/d). *Admirável Mundo Novo*. Lisboa: Livros do Brasil.

MÓDULO 2

A ACÇÃO HUMANA E OS VALORES ÉTICO-POLÍTICOS ANÁLISE E COMPREENSÃO DA EXPERIÊNCIA CONVIVENCIAL

Conteúdos / Temas

1. Intenção ética e norma moral
2. A dimensão pessoal e social da ética - o si mesmo, o outro e as instituições
3. A necessidade de fundamentação da moral - análise comparativa de duas perspectivas filosóficas
4. Ética, direito e política - liberdade e justiça social; igualdade e diferenças; justiça e equidade

**Gestão: 22 tempos lectivos de 90'
(11 semanas)**

CONCEITOS ESPECÍFICOS NUCLEARES – Moral, ética, intenção ética, norma moral, valores, liberdade moral, responsabilidade moral, consciência moral, consciência cívica, Direito, Justiça, Estado, política, sociedade civil, liberdade política, justiça social, equidade.

Objectivos / Competências

1. Distinguir a intenção ética da norma moral:

- clarificando o sentido das expressões *intenção ética* e *norma moral*;
- justificando a prioridade da intenção ética sobre a norma moral;
- diferenciando o carácter teórico e reflexivo da ética do carácter factual e normativo da moral.

2. Reconhecer as diversas dimensões da ética - o eu, o outro e as instituições:

- dando conta das exigências éticas de cada um (eu) para consigo mesmo;
- explicitando algumas das exigências éticas do cuidado pelo outro nas relações interpessoais;
- explicitando o papel das instituições sociais e políticas na construção de sociedades justas.

3. Referenciar e questionar algumas das teorias de fundamentação da moral:

- enunciando os critérios de apreciação da moralidade dos actos humanos propostos por algumas teorias éticas;
- comparando, confrontando e discutindo os argumentos avançados pelas teorias éticas estudadas;
- assumindo posição pessoal argumentada sobre as teorias éticas estudadas.
 - Os estudantes deverão ser capazes de referenciar, comparar e avaliar duas teorias éticas filosoficamente relevantes.

4. Discutir o papel das instituições políticas (Direito, Estado e Justiça) na ordenação social e política das sociedades, tendo por referência princípios e valores éticos fundamentais:

- clarificando as competências das instituições políticas na promoção da liberdade e da justiça social;
- atribuindo a um Estado de direito a obrigação de garantir a igualdade e o respeito pelas diferenças;
- reconhecendo o papel do Direito e da Justiça na regulação e resolução de conflitos de interesses;
- questionando os diversos regimes políticos em função de critérios e valores éticos como a justiça e a equidade.

Competências especialmente visadas

Para este módulo, propõe-se que se avance para a iniciação às “competências específicas” de **problematização** e **argumentação**, assim como de **análise metódica de textos** e de **comentário**.

- Determinar e formular adequadamente os principais problemas que se colocam no âmbito da ética.
- Identificar e clarificar de forma correcta os conceitos nucleares relativos aos temas/problemas propostos à reflexão pelo programa no âmbito da ética.
- Analisar a problemática sobre a qual um texto toma posição, identificando o tema/problema, a(s) tese(s) que defende ou a(s) resposta(s) que dá, as teses ou respostas que contraria ou as teses ou respostas que explicitamente refuta.
- Confrontar as teses e a argumentação de um texto com teses e argumentos alternativos.
- Assumir posição pessoal relativamente às teses e aos argumentos em confronto.

Sugestões metodológicas

Percursos de aprendizagem	Actividades de aprendizagem
<p>1. Distinção entre intenção ética e norma moral</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Justificação da prioridade da intenção ética sobre a norma moral ✓ Distinção entre o carácter teórico da ética e o carácter normativo da moral ✓ Identificação de algumas das questões éticas <p>2. Análise das dimensões da ética e da intenção ética</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Compreensão da indissociabilidade da relação consigo mesmo, com os outros e com as instituições no agir ético <p>3. Questionamento da fundamentação da moral e dos critérios de apreciação da moralidade dos actos humanos</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Os critérios de apreciação da moralidade dos actos humanos à luz das várias teorias éticas ✓ Análise comparativa de duas teorias éticas, das suas teses e dos seus argumentos <ul style="list-style-type: none"> Propõe-se o confronto de duas perspectivas clássicas, ou de duas contemporâneas, ou de uma perspectiva clássica e de uma contemporânea <p>4. Análise do papel das instituições políticas (Direito, Estado e Justiça) na ordenação social e política das sociedades</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ O papel das instituições políticas na promoção da liberdade e da justiça social ✓ O estado de direito como promotor da universalidade da justiça e garante do direito à igualdade e do direito à diferença ✓ A salvaguarda dos direitos humanos e responsabilidade pelas gerações vindouras 	<p>Continuação de actividades de leitura compreensiva de textos, de conceptualização e de debate.</p> <p>Iniciação de actividades de aprendizagem de competências mais específicas do trabalho filosófico:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ actividades de iniciação à aprendizagem da problematização - determinação e formulação adequada dos problemas filosóficos éticos e políticos; ✓ actividades de iniciação à aprendizagem da argumentação - pesquisa de teses e seus argumentos, análise de objecções e contra-argumentos; ✓ actividades de iniciação à aprendizagem da análise metódica de textos argumentativos - identificação do(s) problema(s) filosófico(s), explicitação da tese defendida, análise dos argumentos, razões ou provas avançadas, análise das objecções admitidas e dos contra-argumentos; ✓ actividades de iniciação à aprendizagem do comentário filosófico (de textos curtos) - interpretação rigorosa do texto a comentar; formulação do problema filosófico em causa, comparação e confronto com outras teses e argumentos alternativos sobre o problema em apreço, tomada de posição pessoal argumentada. <p>Obs.: Nestas actividades de iniciação às competências específicas do trabalho filosófico, os primeiros textos a analisar e sobretudo a comentar não-de ser curtos, de fácil interpretação e com uma estrutura argumentativa evidente. Os docentes deverão proporcionar algum esquema ou guião das actividades a realizar.</p>

Avaliação

- ✓ *A avaliação sumativa interna na modalidade de frequência presencial, a realizar em contexto de turma, de forma contínua, neste módulo 2, deverá ter por referência os objectivos cognitivos enunciados e as competências específicas efectivamente desenvolvidas. Os instrumentos de avaliação devem ser concebidos em conformidade com a tipologia das actividades efectivamente trabalhadas nas aulas.*
- ✓ *Na avaliação sumativa interna na modalidade de frequência não presencial, a prova escrita, nas duas formas que pode assumir - incidindo só sobre o módulo 2 ou sobre os três módulos-, deve ter por referência os objectivos cognitivos e as competências básicas enunciados para o módulo. Assim, deverá incluir itens que permitam avaliar os conteúdos deste módulo e as competências específicas de análise metódica de textos e de comentário.*

Bibliografia⁹

Aavv (1992). *Concepciones de la ética*. Madrid: Editorial Trotta.

Volume da Enciclopédia Ibero-Americana de filosofia dedicado à ética, onde é apresentada uma história da ética organizada segundo as diferentes correntes.

Arendt, H. (1995). *Verdade e Política*. Lisboa: Relógio d'Água.

A relação conflituosa entre a verdade e a política. Uma reflexão filosófica sobre a legitimidade ou a ilegitimidade da mentira e de dizer sempre a verdade em política.

Cerqueira Gonçalves, J. (1999). *Em Louvor da Vida e da Morte. Ambiente - A Cultura Ocidental em Questão*. Lisboa: Colibri.

Exercício reflexivo, em torno da questão do ambiente, que procura definir um quadro especulativo aberto à interpretação e à diferenciação capaz de constituir um novo caminho para um pensar radicalmente ontológico dessa problemática.

Changeux, J. P. (dir.). (1999). *Uma Mesma Ética para Todos?*. Lisboa: Instituto Piaget.

Obra que reúne comunicações de treze pensadores contemporâneos, apresentadas nas Jornadas Anuais de Ética, Paris, 1997. Questiona a possibilidade de encontro ético dos homens em relação a problemas provocados pelo desenvolvimento da ciência, apesar da diversidade e conflitualidade das suas condições económicas, culturais, filosóficas e religiosas.

Clement, G. (1996). *Care, Autonomy and Justice. Feminism and the Ethics of Care*. Colorado: Westview Press.

O livro analisa o que considera os tipos ideais de uma ética da justiça e do cuidado, tendo como objectivo o valor moral de uma ética do cuidado. Admite a compatibilidade entre ambas as aproximações, mas recusa a sua mútua assimilação.

Ferry, L. (1993). *A Nova Ordem Ecológica. A árvore, o animal e o homem*. Porto: Asa.

Análise das bases filosóficas e políticas dos movimentos ecológicos fundamentalistas. Os equívocos da "deep ecology" ou a pseudo dicotomia entre uma ética humanista e uma ética do ambiente. A defesa de uma "ecologia democrática".

González Martel, J. (1996). *El Cine en el Universo de la Ética. El cine-fórum*. Madrid: Anaya.

Seleção e análise de diversos filmes que podem servir de base para o tratamento filosófico e pedagógico de questões éticas.

Haarscher, G. (1997). *Filosofia dos Direitos do Homem*. Lisboa: Instituto Piaget.

Abordagem histórico-filosófica dos direitos do homem, seguida de uma reflexão que procura fazer o ponto da situação sobre o significado dos direitos humanos, hoje.

Habermas, J. (1989). *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro.

A crítica da modernidade em Habermas conduz a uma reafirmação da actualidade da tarefa filosófica como exigência de mediação pela racionalidade. Nesta obra, apresenta uma teoria filosófica das relações humanas na sociedade contemporânea que, partindo da ética da discussão de Apel, conduz à fundamentação, no âmbito do agir comunicativo, de uma moral da intercompreensão.

Jonas, H. (1992). *Le Principe Responsabilité. Une éthique pour la civilisation technologique*. Paris: Les éd. du Cerf.

Princípios e fundamentos de uma ética da responsabilidade para uma civilização tecnológica que, partindo de uma heurística do perigo, assegure a sobrevivência e o futuro às gerações vindouras.

Rachels, J. (2004). *Elementos de Filosofia Moral*. Lisboa: Gradiva.

Esta obra, partindo da questão "O que é a moralidade?", trata temas e teorias centrais da filosofia moral, designadamente o utilitarismo e a moral kantiana, integrando problemas de ética aplicada.

⁹ Todas as datas indicadas referem-se às das edições citadas. Todas as citações das obras traduzidas são feitas a partir do título da respectiva tradução.

- Rawls, J. (1993). *Uma Teoria da Justiça*. Lisboa: Ed. Presença.
Tratado de filosofia social e política, de inspiração contratualista, que procura determinar os princípios aos quais deveriam ser submetidas as instituições e as políticas, por forma a alcançar o assentimento e o consenso.
- Singer, P. (2000). *Ética Prática*. Lisboa: Gradiva.
Obra de ética aplicada que, partindo da determinação do que é e do que não é a ética, reflecte filosoficamente sobre questões cruciais da sociedade actual, tais como: o aborto, a eutanásia, o problema da fome no mundo, os refugiados.
- Soromenho-Marques, V. (1996). *A Era da Cidadania. De Maquiavel a Jefferson*. Mem Martins: Publ. Europa-América.
O horizonte filosófico da luta pela afirmação da cidadania. A concepção do ser humano como "sujeito jurídico-político portador de direitos universais". A obra é constituída por seis ensaios que analisam a evolução do pensamento filosófico-político em autores tais como: Maquiavel, Hobbes, Locke, Rousseau, Kant, Jefferson.
- Soromenho-Marques, V. (1998). *O Futuro Frágil. Os desafios da crise global do ambiente*. Mem Martins: Publ. Europa-América.
A crise do ambiente como crise da civilização é o tema central e aglutinador dos seis ensaios que constituem esta obra, onde se abordam temas de política pública e de ética, de economia, da teoria dos movimentos sociais e das relações internacionais. A situação portuguesa é confrontada com a realidade internacional.
- Sousa Santos, B. (1998). *Reinventar a Democracia*. Lisboa: Gradiva.
A democracia moderna, assente na ideia de contrato social, não obstante as inovações positivas que trouxe, encontra-se hoje em crise, por nela predominarem processos de exclusão social. Importa, por isso, reinventá-la; eis algumas propostas do autor.

Sugestões de leituras para estudantes

- Dostoiévsky, F. (1999). *Crime e Castigo*. Mem Martins: Publ. Europa-América.
- Kant, I. (1988). Resposta à pergunta: Que é o Iluminismo?. In *A Paz Perpétua e Outros Opúsculos*. Lisboa: Ed. 70.
- Nagel, Th. (1995). *Que Quer Dizer Tudo Isto? Uma Introdução à Filosofia*. Lisboa: Gradiva.
- Platão (1993). Apologia de Sócrates. In *Êutifron, Apologia de Sócrates, Críton*. Lisboa: INCM.
- Platão (1993). Críton. In *Êutifron, Apologia de Sócrates, Críton*. Lisboa: INCM.
- Popper, K. & Lorenz, K. (1990). *O Futuro está Aberto*. Lisboa: Ed. Fragmentos.
- Reich, W. (1977). *Escuta Zé Ninguém*. Lisboa: Publ. Dom Quixote.
- Sartre, J.-P. (1972). *As Mãos Sujas*. s/l: Publ. Europa-América.
- Savater, F. (1993). *Ética para um Jovem*. Lisboa: Ed. Presença.
- Sófocles (1992). *Antígona*. Coimbra: INIC.
- Warburton, N. (1998). *Elementos Básicos de Filosofia*. Lisboa: Gradiva.

MÓDULO 3 (OPÇÃO 1)

A ACÇÃO HUMANA E OS VALORES ESTÉTICOS ANÁLISE E COMPREENSÃO DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Conteúdos / Temas

1. A experiência e o juízo estéticos
2. A criação artística e a obra de arte
3. A Arte – produção e consumo, comunicação e conhecimento
4. Tema/Problema do mundo contemporâneo (opção por um tema)
 - 4.1. A obra de arte na era das indústrias culturais
 - 4.2. Arte e ideologia
 - 4.3. Outro tema

Gestão: 20 tempos lectivos de 90'
(10semanas)

CONCEITOS ESPECÍFICOS NUCLEARES - Estética, experiência estética, teoria estética, gosto, juízo estético, útil, agradável, belo, horrível, sublime, arte, obra de arte, artista, espectáculo, criação artística, industrialização da estética.

Objectivos / Competências

1. Reconhecer a especificidade da experiência estética:

- distinguindo a experiência estética de outros tipos de experiência;
- distinguindo as três modalidades da experiência estética: da natureza, da criação artística e da contemplação da obra de arte.

2. Esclarecer a particularidade do juízo estético:

- questionando o problema da subjectividade ou universalidade do juízo estético;
- questionando a possibilidade da comunicação da experiência estética.

3. Questionar o conceito de arte e de obra de arte:

- esclarecendo o significado antropológico da arte e da criação artística;
- dando conta da evolução do conceito de arte e de obra de arte ao longo dos tempos;
- problematizando os critérios para a definição de arte segundo diferentes teorias estéticas.

4. Analisar criticamente alguns debates contemporâneos acerca do estatuto e função da arte na sociedade actual:

- questionando os efeitos da redução da obra de arte a um objecto de consumo ou a um valor de mercado;
- interpretando o significado e as intenções de algumas tendências e movimentos estéticos contemporâneos;
- dando conta do vínculo entre a criação artística e os contextos histórico, cultural e político;
- dando conta da especificidade da comunicação pela arte e da polissemia da linguagem artística;
- dando conta do carácter cognitivo da arte, enquanto configuração e revelação de novos modos de habitar o mundo.

Competências especialmente visadas

Além das competências básicas e específicas apontadas para os módulos anteriores (*problematização, conceptualização e argumentação, análise metódica de textos e comentário*), neste módulo deverão, ainda, ser privilegiadas outras:

- Iniciar ao conhecimento e utilização criteriosa das fontes de informação, designadamente obras de referência e novas tecnologias. (*Competência a desenvolver em particular no tratamento do tema/problema escolhido.*)
- Promover a aquisição de hábitos de estudo e trabalho autónomos;
- Iniciar à leitura crítica da linguagem icónica (BD, pintura, fotografia) e audiovisual (cinema, televisão), tendo por base instrumentos de descodificação e análise que permitam superar as *abordagens do senso comum*.
- Desenvolver práticas de exposição (oral e escrita) e de intervenção num debate, aprendendo a apresentar de forma metódica e compreensível as ideias próprias ou os resultados de consultas ou notas de leitura.

Sugestões metodológicas

Percursos de aprendizagem	Actividades de aprendizagem
<p>1. Reconhecimento da especificidade da experiência estética no triplo registo de</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ experiência estética da natureza ✓ experiência estética da criação artística ✓ experiência estética da contemplação da obra de arte <p>2. Esclarecimento da particularidade do juízo estético</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Formulação e análise da questão da possibilidade ou impossibilidade da comunicação da experiência estética ✓ Formulação e discussão do problema da subjectividade ou universalidade do juízo estético <p>3. Problematização do conceito de arte e de obra de arte</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Esclarecimento do significado antropológico da arte e da criação artística ✓ Análise do conceito de arte e de obra de arte ao longo dos tempos ✓ Apreciação dos critérios de julgamento do que é arte e obra de arte, seleccionando obras de arte consentâneas com esses critérios <p>4. Apreciação dos debates contemporâneos acerca do estatuto e função da arte na sociedade contemporânea</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Análise das consequências da redução da obra de arte a objecto de consumo e a valor de mercado ✓ Esclarecimento do significado e das intenções de correntes estéticas contemporâneas, observando as obras e lendo as explicações dos seus autores ✓ Reconhecimento do vínculo entre a criação artística e os contextos histórico, cultural e político ✓ Descoberta do carácter cognitivo e comunicativo da arte, enquanto configuração de outros modos de ver e dar a ver o mundo ✓ Exploração de diversos tipos de obras de arte para nelas descobrir a especificidade da linguagem artística, metafórica, simbólica ... e por isso polissémica 	<p>Continuação de actividades de leitura compreensiva e metódica de textos, de conceptualização, de problematização e de argumentação.</p> <p>Iniciação a um trabalho sistemático de <i>leitura crítica da linguagem icónica</i>.</p> <p>Interpretação de documentos e obras artísticas- Visionamento de filmes, slides, video-clips... Audição de obras musicais.</p> <p>Análise de textos teóricos sobre o fenómeno artístico.</p> <p>A abordagem do tema/problema é uma boa oportunidade para desenvolver actividades de iniciação ao conhecimento e utilização criteriosa das fontes de informação, designadamente obras de referência e novas tecnologias.</p>

Avaliação

- ✓ *A avaliação sumativa interna na modalidade de frequência presencial*, neste módulo 3 (opção 1), deverá ter por referência os objectivos cognitivos enunciados e as competências específicas efectivamente desenvolvidas. Os instrumentos de avaliação devem ser concebidos em conformidade com a tipologia das actividades desenvolvidas nas aulas.
- ✓ *Na avaliação sumativa interna na modalidade de frequência não presencial*, a prova escrita, nas duas formas que pode assumir - incidindo só sobre o módulo 3 (opção 1) ou sobre os três módulos-, deve ter por referência os objectivos cognitivos e as competências básicas enunciados para o módulo. Assim, deverá incluir itens que permitam avaliar os conteúdos deste módulo e as competências específicas de leitura crítica da linguagem icónica.

Bibliografia¹⁰

- Adorno, T. W. (1982). *Teoria Estética*. Lisboa: Ed. 70.
A obra reflecte sobre a relação da arte com a sociedade e a ideologia.
- Aparici, R. & Garcia-Matilla, A. (1987). *Lectura de Imágenes*. Madrid: Ediciones de la Torre.
Temas tratados: I - Alfabetização, audiovisual e ensino; II - Como vemos as imagens?; III - A Comunicação; IV - A ilusão do real; V - Elementos básicos da imagem; VI - Leitura de uma imagem fixa. Contém diversos guiões para análise dos meios audiovisuais.
- Benjamin, W. (1992). *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio d'Água.
Conjunto de textos que reúne reflexões do autor sobre diferentes manifestações da arte e em especial sobre a sua perda de aura na actualidade.
- Dufrenne, M. (1953). *Phénoménologie de l'expérience esthétique - 2 vol. I. L'objet esthétique. II. La perception esthétique*. Paris: PUF.
Obra que aplica o método fenomenológico à arte, pretendendo encontrar a sua essência e unidade. A estética surge ao mesmo tempo como uma disciplina específica, dirigida a obras particulares e como disciplina filosófica, exigindo generalidade e radicalidade.
- Ferry, L. (1990). *Homo Aestheticus: l' invention du goût à l'âge démocratique*. Paris: Grasset.
A partir da tese segundo a qual a história da estética moderna se pode ler como uma história da subjectividade, o autor analisa os grandes momentos da história do individualismo democrático em paralelo com os momentos da subjectivização do gosto.
- Gombrich, E. (1995). *Arte e Ilusão. Um Estudo da Psicologia da Representação Pictórica*. São Paulo: Martins Fontes.
Obra que analisa a percepção, a representação, a semelhança, colocando a questão do estilo e do espectador.
- Haar, M. (1994). *L'Oeuvre d'Art. Essai sur l'ontologie des oeuvres*. Paris: Hatier.
Obra que sintetiza com rigor e clareza o que é a obra de arte e a relação entre arte e verdade, a partir de textos precisos de Platão, Aristóteles, Kant, Schelling, Schopenhauer, Hegel, Nietzsche, Heidegger e Merleau-Ponty.
- Pita, A. P. (1999). *A Experiência Estética como Experiência do Mundo*. Porto: Campo das Letras.
Uma análise sistemática da obra de Mikel Dufrenne, um estudo das relações entre o artístico e o filosófico, por um lado, a ética e a estética, por outro. Mostra que em Dufrenne a ética necessita da dimensão estética.

Sugestões de leituras para estudantes

- Breyner, S. M. (1991). Artes Poéticas. In *Obra Poética III* (pp. 93-96, 166-169, 349-350). S/l: Ed. Caminho
- Warburton, N. (1998). *Elementos Básicos de Filosofia*. Lisboa: Gradiva.
- Wilde, O. (1995). *O Retrato de Dorian Gray*. Lisboa: Ed. Estampa.

¹⁰ Todas as datas indicadas referem-se às das edições citadas. Todas as citações das obras traduzidas são feitas a partir do título da respectiva tradução.

MÓDULO 3 (OPÇÃO 2)

A ACÇÃO HUMANA E OS VALORES RELIGIOSOS ANÁLISE E COMPREENSÃO DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

Conteúdos / Temas

1. A Religião e o sentido da existência - a experiência da finitude e a abertura à transcendência
2. As dimensões pessoal e social das religiões
3. Religião, razão e fé - tarefas e desafios da tolerância
4. Tema/Problema do mundo contemporâneo (opção por um tema)
 - 4.1. A dessacralização do mundo e a perda do sentido
 - 4.2. A paz mundial e o diálogo inter-religioso
 - 4.3. Outro tema

Gestão: 20 tempos lectivos de 90'
(10 semanas)

CONCEITOS ESPECÍFICOS NUCLEARES: Religião, sentido da existência, transcendência, imanência, finitude, divino, deus, igreja, culto, doutrina, dogma, razão, fé, tolerância.

Objectivos / Competências**1. Analisar de forma compreensiva a especificidade da experiência religiosa:**

- caracterizando a experiência religiosa como experiência da finitude humana e abertura à transcendência;
- explicitando alguns dos sentimentos que acompanham a experiência religiosa;
- dando conta de algumas explicações da fenomenologia das religiões para a génese da atitude religiosa.

2. Analisar de forma crítica o vínculo entre religião e sentido da existência:

- reconhecendo que a religião pode ser considerada uma resposta substantiva à questão do sentido da existência;
- reconhecendo que a religião pode ser considerada uma resposta ilusória à questão do sentido da existência.

3. Distinguir nas religiões a dimensão pessoal da dimensão social e institucional

- reconhecendo o carácter privado e íntimo da atitude religiosa,
- reconhecendo o carácter público e institucional das religiões.

4. Analisar de forma informada e crítica as relações entre razão e fé e entre filosofia e religião:

- reconhecendo que a fé ou crença religiosa não pode evitar o desafio da razão ou da racionalidade;
- reconhecendo que a razão e a filosofia não podem evitar o desafio da religião e da religiosidade humana;
- dando conta das relações (de diálogo e de conflito) entre filosofia e religião (ou teologia) ao longo da história ocidental.

4. Analisar de forma informada e crítica a situação religiosa actual, os problemas e os desafios:

- interpretando o significado da recente dessacralização do mundo e da perda do sentido;
- reconhecendo o problema da (in)tolerância religiosa e a necessidade do diálogo inter-religioso como desafios e tarefas para as sociedades contemporâneas e para a paz mundial.

Competências especialmente visadas

Às competências básicas e específicas apontadas para os módulos anteriores (*problematização, conceptualização e argumentação, análise metódica de textos e comentário*), acrescentam-se as seguintes:

- Iniciar ao conhecimento e utilização criteriosa das fontes de informação, designadamente obras de referência e novas tecnologias. (*Competência a desenvolver em particular no tratamento de um dos temas/problemas*);
- Promover a aquisição de hábitos de estudo e trabalho autónomos;
- Desenvolver práticas de exposição (oral e escrita) e de intervenção num debate, aprendendo a apresentar de forma metódica e compreensível as ideias próprias ou os resultados de consultas ou notas de leitura.
- Construir um texto argumentativo.

Sugestões metodológicas

Percursos de aprendizagem	Actividades de aprendizagem
<p>1. Análise da especificidade da experiência religiosa</p> <ul style="list-style-type: none"> A experiência religiosa - a finitude humana e abertura à transcendência Sentimentos que acompanham a experiência religiosa Explicações da fenomenologia das religiões para a génese da atitude religiosa <p>2. Análise do vínculo entre religião e sentido da existência</p> <ul style="list-style-type: none"> A religião como resposta à questão do sentido da existência – a vontade de sentido e a fuga ao vazio existencial A religião como resposta ilusória ou alienada à questão do sentido da existência – o carácter absurdo da existência; a construção de um sentido para a existência como tarefa humana pessoal e colectiva <p>3. Distinção entre a dimensão pessoal e a dimensão social e institucional das religiões</p> <ul style="list-style-type: none"> A vivência religiosa como relação pessoal com o divino A vivência religiosa como manifestação colectiva <p>3. Análise crítica das relações entre razão e fé e entre filosofia e religião</p> <ul style="list-style-type: none"> Relação entre razão e fé – dimensão crítica <i>versus</i> exploração ideológica; As relações (de diálogo e de conflito) entre filosofia e religião (ou teologia) ao longo da história ocidental <p>4. Análise da situação religiosa actual, dos problemas e desafios</p> <ul style="list-style-type: none"> O significado da recente dessacralização do mundo e a perda do sentido O problema da (in)tolerância religiosa e a necessidade do diálogo inter-religioso como desafios e tarefas para as sociedades contemporâneas e para a paz mundial 	<p>Continuação de actividades de leitura compreensiva e metódica de textos, de conceptualização, de problematização e de argumentação.</p> <p>A especificidade temática deste módulo 3 (opção 2), permite que se dê especial atenção às competências fundamentais para <i>intervir</i> num <i>debate</i>, <i>pesquisar</i> e <i>seleccionar informação</i>, <i>saber ouvir</i>, <i>saber expor</i>.</p> <p>Sugere-se a realização de um debate, antecipadamente preparado e conduzido de forma metódica, o que implica:</p> <ul style="list-style-type: none"> formulação clara do tema/problema a investigar e a debater; pesquisa e selecção de informação adequada; exposição ordenada dos pontos de vista e dos argumentos em causa; confronto efectivo de pontos de vista e de argumentos, no respeito pelas regras do debate argumentativo; momento de determinação das conclusões e/ou dos pontos não consensuais. <p>O debate poderia ser complementado pela redacção da “questão disputada”.</p>

Avaliação

- ✓ *A avaliação sumativa interna na modalidade de frequência presencial*, neste módulo 3 (opção 2), deverá ter por referência os objectivos cognitivos enunciados e as competências específicas efectivamente desenvolvidas. Os instrumentos de avaliação devem ser concebidos em conformidade com a tipologia das actividades desenvolvidas nas aulas.
- ✓ *Na avaliação sumativa interna na modalidade de frequência não presencial*, a prova escrita, nas duas formas que pode assumir - incidindo só sobre o módulo 3 (opção 2) ou sobre os três módulos, deve ter por referência os objectivos cognitivos e as competências básicas enunciados para o módulo. Assim, deverá incluir itens que permitam avaliar os conteúdos deste módulo e a competência específica de construção de um texto argumentativo.

Bibliografia¹¹

Derrida, J. & Vattimo, G. (dir.). (1997). *A Religião*. Lisboa: Relógio d'Água.

Conjunto de comunicações apresentadas num congresso sobre o tema, realizado em Capri, em 1994, centradas sobre o lugar do fenómeno religioso na actualidade.

Farouki, N. (1997). *A Fé e a Razão*. Lisboa: Instituto Piaget.

O conflito ou a complementaridade entre fé e razão vistos através da história destas ideias. Proposta de uma "nova grelha de leitura" da história que desmonta o preconceito da oposição simplista entre fé e razão, o preconceito da unicidade da razão e da verdade.

Jonas, H. (1994). *Le concept de Dieu après Auschwitz*. Paris: Payot.

Texto onde o autor tematiza a exigência de pensar Deus depois da tragédia do holocausto com base em novas categorizações, com destaque para a categoria da impotência de Deus.

Pereira, M. B. (1988). Sobre o discurso da fé num mundo secularizado. *Igreja e Missão*, 142, pp. 193-268.

Apreciação crítica da Teologia como discurso da fé. Para manter a sua capacidade interpelante como uma voz crítica da sociedade, a Teologia não pode ignorar a sua condição humana, arrogar-se a consumação da consciência verdadeira, sair da história e abandonar o mundo.

Ricoeur, P. (1990). *Amour et Justice*. Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck).

Exercício reflexivo que procura pensar a reflexão entre amor e justiça, evidenciando a desproporção entre os dois termos e a necessidade prática de os confrontar e dialectizar evitando discursos fáceis e unilaterais.

Rosenzweig, F. (1982). *L'Étoile de la Rédemption*. Paris: Éd. du Seuil.

O filósofo judeu, confronta nesta obra, escrita nas trincheiras da 1ª Guerra, o "velho" pensamento filosófico, sistemático, totalitário e ateu, com as dolorosas questões do século. Só um "pensamento novo", espiritualmente inspirado, poderá ser redentor.

Vergote, A. (1989). *Religion, Foi, Incroyance*. Bruxelles-Liège: Éd. Mardaga.

Análise da temática da religião do ponto de vista psicológico que se debruça sobre os parâmetros variados implicados quer na experiência quer na prática religiosas.

Sugestões de leituras para estudantes

Dostoevsky, F. (1999). *Crime e Castigo*. Mem Martins: Publ. Europa-América.

Martin du Gard, R. (s/d). *O Drama de Jean Barrois*. Lisboa: Inquérito.

Russell, B. (1967). *Porque não Sou Cristão*. Porto: Brasília Editora.

Swanburne, R. (1998) *Será Que Deus Existe?*. Lisboa: Gradiva.

Valadier, P. (1996). *Cartas a um cristão inquieto*. S/l: Temas e Debates.

Warburton, N. (1998). *Elementos Básicos de Filosofia*. Lisboa: Gradiva.

¹¹ Todas as datas indicadas referem-se às das edições citadas. Todas as citações das obras traduzidas são feitas a partir do título da respectiva tradução.

4ª PARTE – Bibliografia Geral

Bibliografia Geral¹²

- *Abbagnano, N.. *História da Filosofia*. Lisboa: Ed. Presença.¹³
- Blanché, R.. *História da Lógica de Aristóteles a Russell*. Lisboa: Ed. 70.
- *Châtelet, F.. *História da Filosofia. Ideias, Doutrinas*. Lisboa: Publ. Dom Quixote.
- *Cordon, J.M. & Martinez, T. C.. *História da Filosofia*. Lisboa: Ed. 70.
- Reale, G. & Antiseri, D.. *Historia del Pensamiento Filosófico y Científico*. Barcelona: Ed. Herder.
- Encyclopédie Philosophique Universelle*. Paris: PUF.
- *Logos, *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa: Ed. Verbo.
- *Blackburn, S.. *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Gradiva.
- Canto-Sperber, M. (dir.). *Dictionnaire d'éthique et de philosophie morale*. Paris: PUF.
- *Carrilho, M.M. (dir.). *Dicionário do Pensamento Contemporâneo*. Lisboa: Publ. Dom Quixote
- Ferrater Mora, J.. *Diccionario de Filosofia*. Madrid: Alianza Editorial.
- *Hartmann-Petersen, P. e Pigford, J.N.. *Dicionário de Ciência*. Lisboa: Publ. Dom Quixote.
- Lacoste, J.-Y. (dir.). *Dictionnaire critique de théologie*. Paris: PUF.
- *Lalande, A.. *Vocabulário – técnico e crítico – de Filosofia*. Porto: Rés Editora.
- Raymond, Ph e Rials, S. (dir.). *Dictionnaire de philosophie politique*. Paris: PUF.
- Runes, D. D. (dir.). *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Ed. Presença.

FILOSOFIA NA INTERNET - ALGUNS SÍTIOS

- <http://www.sapo.pt/educacional/referencia/Filosofia/> - Directório de Filosofia do motor de pesquisa.
- <http://dir.yahoo.com/arts/humanities/philosophy> - Directório de Filosofia do motor de pesquisa.
- <http://dir.lycos.com/society/philosophy> - Directório de Filosofia do motor de pesquisa.
- <http://www.spfil.pt/> - Sociedade Portuguesa de Filosofia
- <http://www.cef-spf.org/> - Centro para o Ensino da Filosofia
- <http://www.apfilosofia.org/> - Associação dos Professores de Filosofia
- <http://www.utm.edu/research/iep/> - The Internet Encyclopedia of Philosophy.
- <http://www.ditext.com/encyc/frame.html> - Meta-Encyclopedia of Philosophy.
- <http://plato.stanford.edu/> - Stanford Encyclopedia of Philosophy.
- <http://www.rep.routledge.com/> - Routledge Encyclopedia of Philosophy on line
- <http://www.philosopher.org.uk/> - Philosophy since the Enlightenment.
- <http://www.epistemelinks.com/index.asp> - Acesso a informações diversificadas: textos, filósofos, discussões, novidades bibliográficas.
- <http://caae.phil.cmu.edu/Cavalier/80130/index.html> - Guia geral para Ética e Filosofia Moral.
- <http://www.philagora.net/philo.htm> - J'aime la philosophie (sítio especialmente dedicado aos alunos do bac.).
- <http://membres.lycos.fr/styx/> - Recursos para o ensino da filosofia na “classe de terminale”.

¹². Para as obras constantes nesta bibliografia não se indicam datas por estarem sujeitas a sucessivas edições.

¹³ Todas as citações das obras traduzidas são feitas a partir do título da respectiva tradução. Assinalam-se com * as obras que parecem ser mais acessíveis aos alunos.